a solidão

Diego Parma¹

A solidão.

A solidão que se perde na alma,
nos confins do interminável,
e que, no vácuo de seu abismo,
brada ao nada de sua existência.

A solidão.

A solidão que pulsa vívida
no espírito da dança de seu eu,
e que, pelas lacunas do precipício de seu ser,
chora um choro sufocante.

A solidão.

A solidão do solitário do mundo,
do universo de sua profundidade inesgotável,
do vazio que grita mudo. Mundo.

A solidão.

A solidão do solitário do céu,
que nada enxerga no escuro do que viu,
no escuro inevitável que assola as estrelas,
os oceanos pungentes dos navios naufragados
e a terra pisada e seca que geme infertilidade.

A solidão.

A solidão insaciável que vive de lágrimas,
de incerteza, de devoção. Solidão.

A solidão.

A solidão que nasce,
e, nascida,
brota,
e, brotada,
cresce,
e, crescida,
fortalece-se
nas entranhas do destino,
que, à sua espera,
geme, gélida,
para a solidão do mundo. Mudo.

A solidão.

A solidão

¹ Diego Parma é músico, escritor e professor. É formado em música, artes e audiovisual e especialista em História da arte. Tem vasta produção artística. E-mail: diegocestariparma@gmail.com

dos solitários desvalidos
das ruas solitárias
dos caminhos tortuosos,
sem rumo nem destino,
sem vida nem instante.

A solidão.

A solidão no meio da saudade,
da saudade solitária,
sob olhares tortuosos,
de pena, de vingança,
indiferença, de sentença, julgamento.

A solidão.

A solidão que se perde solitária
nas ruas da alma do abismo,
e que se perde no âmago
dos espíritos que vagam presos
na encruzilhada de seu nada.

A solidão.

A solidão que vislumbra,
para seu deleite,
o nada no qual brotou,
e, brotada,
jamais morre.

A solidão.